



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

DORACY MONTENEGRO DE GÓIS

**VALORAÇÕES RELIGIOSAS, CULTURAIS E HISTÓRICAS NA OBRA
CANCIONEIRO DO NORTE (1928) DE RODRIGUES DE CARVALHO**

**GUARABIRA
2019**

DORACY MONTENEGRO DE GÓIS

**VALORAÇÕES RELIGIOSAS, CULTURAIS E HISTÓRICAS NA OBRA
CANCIONEIRO DO NORTE (1928) DE RODRIGUES DE CARVALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação do curso de Licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: Cultura Popular, Valorações/axiologias, História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira.

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G616v Gois, Doracy Montenegro de.
Valorações religiosas, culturais e históricas na obra
cancioneiro do norte (1928) de Rodrigues de Carvalho
[manuscrito] / Doracy Montenegro de Gois. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Cultura Popular. 2. História. 3. Valorações/Axiologias. I.
Título
21. ed. CDD 306

DORACY MONTENEGRO DE GOIS

VALORAÇÕES RELIGIOSAS, CULTURAIS E HISTÓRICAS NA OBRA
CANCIONEIRO DO NORTE (1928) DE RODRIGUES DE CARVALHO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do
curso de Licenciatura plena em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento aos
requisitos necessários para
obtenção do grau de Licenciatura
Plena em História.

Área de concentração: Cultura
Popular, Valorações/axiologias,
História.

Aprovada em: 27/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Antônio Flávio Ferreira de Oliveira

Prof. Dr. Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira.
(Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Edna Maria Nóbrega Araújo

Prof.^a. Dr.^a. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

William Sampaio Lima de Sousa

Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu irmão, por sempre estar presente
em todos os momentos de minha vida,
compartilhando força, alegria e fé.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente venho a agradecer a Deus por nunca deixar que as dificuldades fossem maiores que as vitórias.

A minha família por ter me apoiado pelos caminhos em que trilhei em minha vida, sempre perseverando.

Ao meu irmão mais velho Antônio Henrique (Neto), que vem a estar formando-se junto comigo e que nunca deixou de ser um braço forte, sinônimo de esperança e alegria, qual devo minha eterna gratidão. És meu maior exemplo.

Ao meu companheiro Rafael, pela paciência e carinho.

Aos meus amigos historiadores que marcaram minha história perante os cinco anos ao qual estivermos juntos, compartilhando conhecimentos, dificuldades, alegrias, etc.

Ao meu Orientador, amigo e conterrâneo, Prof. Dr. Antônio Flávio, pelas leituras sugeridas ao longo desta orientação e pela dedicação e paciência ao disponibilizar tanto do seu tempo durante estes últimos meses, imprescindíveis para a finalização esta pesquisa.

A todos os professores desta instituição de ensino, que sempre estiveram dispostos a ensinarem e a contribuírem com meu crescimento acadêmico. Especialmente a professora e amiga: Prof^a. Dr^a. Edna Nóbrega, pelo acolhimento tão bondoso que trouxe calma em meio a tanto nervosismo nesta reta final.

Ao meu amigo e conterrâneo Eginaldes Andrade, por favorecer livros que foram importantes em minha pesquisa.

A todos minha eterna gratidão.

“Ao sopé da Borborema
Onde um eterno poema
Vai cantando o sabiá,
Erguem-se as rudes cabanas
Como as tabas indianas
Da minha aldeia - o Tauá”
(Rodrigues de Carvalho)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	VALORAÇÕES RELIGIOSAS, CULTURAIS E HISTÓRICAS NA OBRA CANCIONEIRO DO NORTE(1928) DE RODRIGUES DE CARVALHO.....	13
3	CONCLUSÕES	25
4	REFERÊNCIAS	27
5	ANEXOS – FRAGMENTOS DO O CANCIONEIRO DO NORTE (1928)	
5.1	Anexo 1- Contra capa do livro o Cancioneiro do norte.....	28
5.2	Anexos 2- Antes do prefácio.....	29
5.3	Anexos 3- O cancionero (1928).....	30
5.4	Anexo 4- Fragmento do Cancioneiro.....	31
5.5	Anexo 5- Foto de José Rodrigues de Carvalho em idade avançada	32

VALORAÇÕES RELIGIOSAS, CULTURAIS E HISTÓRICAS NA OBRA
CANCIONEIRO DO NORTE (1928) DE RODRIGUES DE CARVALHO

Doracy Montenegro de Góis

Resumo

Este estudo de origem qualitativa tem por finalidade analisar as valorações/axiologias existentes no livro: **Cancioneiro do Norte (1928)**, visando relacioná-las com a história da cultura folclórica paraibana, explorando as relações literárias de cunho regionalista e os ciclos modernizadores da historiografia na sociedade brasileira, e suas respectivas manifestações culturais que influenciaram na formação de uma identidade, que transita entre o nacional e o regional, e a noção de hibridação cultural que se estabelece na contemporaneidade, suprimindo assim a visão do exótico as manifestações que não possuíam um viés erudito e influenciado pelos europeus, e como tais manifestações se inserem em meio ao processo de formação da identidade da nação brasileira, perante as tradições folclóricas e regionalistas no cotidiano dos paraibanos.

Palavras Chave: Cultura Popular. Valorações/axiologias. História.

RELIGIOUS, CULTURAL AND HISTORICAL VALUATIONS IN THE
NORTHERN CANCIONER'S WORKS (1928) OF OAK RODRIGUES

Abstract

This qualitative study aims to analyze the valuations / axiologies existing in the book: *Cancioneiro do Norte (1928)*, aiming to relate them to the history of Paraiban folk culture, exploring the literary relations of regionalist nature and the modernizing cycles of historiography in the region. Brazilian society, and their respective cultural manifestations that influenced the formation of an identity, which transits between the national and the regional, and the notion of cultural hybridization that is established in contemporary times, thus suppressing the vision of the exotic manifestations that did not have a bias. Learned and influenced by the Europeans, and how such manifestations are inserted in the process of formation of the identity of the Brazilian nation, before the folkloric and regionalist traditions in the daily life of the Paraibanos.

Keywords: Popular Culture. Valuations / axiologies. Story.

1. INTRODUÇÃO

A História é feita pelos sujeitos sociais situados num tempo determinado e num espaço determinado. Ela é sempre passível de revisitações, de novas leituras, de novos significados. Assim, a partir da Escola dos *Annales*, que surgiu no contexto francês, cada vez mais a história é entendida como sempre em construção, pois seus sentidos são sempre construídos por sujeitos sociais que sofrem a influência das intenções, interesses e valorações da sociedade na qual está inserido.

Outro aspecto importante é que a História é construída a partir de fontes, sejam elas escritas ou não. De maneira geral, as fontes são todo aquilo que indicam a presença e a ação do homem (ser humano) no tempo e no espaço. Assim, o laço entre História, cultura, folclore e valorações fica bastante evidente, pois tais fenômenos apontam para o ser humano no tempo e no espaço, construídos socialmente.

Encontramos a história humana nas narrativas atuais, sejam singulares ou plurais, religiosas ou políticas, culturais ou sociais, econômicas ou históricas. Assim, também flagramos um certo modo de relembramos de acontecimentos passados, estabelecendo uma conexão entre a noção de história e tempo. Cabe dizer que esse, o tempo, também é uma construção social.

Nesse sentido, entendemos que a história é narrada de forma axiologicamente marcada, ou seja, está marcada por um modo de olhar, de perceber, de compreender e de construir realidades socioculturais. Assim, porque são marcadas axiologicamente, as fontes são memórias, crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores. Como fonte de pesquisa, na manifestação cultural de um povo, encontramos a construção de identidades ou exclusões, hierarquias, divisão, apontando diferenças e semelhanças no social.

Marc Bloc, cofundador, em 1929, da revista *Annales*, no texto *Apologia da história ou O ofício de historiador*, argumenta que a História tem por objeto “os homens no tempo”. Ele destaca o uso do substantivo no plural *homens*, pois o singular, *homem*, é favorável à abstração, enquanto o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Segundo Bloc (2002, p. 54), por trás dos vestígios sensíveis da paisagem, dos artefatos, dos escritos, “são os homens que a história quer capturar”.

Em sintonia com Bloc (2002), Luciene Febvre, outro cofundador da revista *Annales*, no texto *Combates pela História*, postula que a história é social. Ele considera a história “o estudo, cientificamente conduzido, das diversas atividades e das diversas criações dos homens” (FEBVRE, 1989, p. 30).

A História estuda os homens, únicos objetos da história, mas os homens sempre tomados no quadro das sociedades de que são membros, os homens membros dessas sociedades numa época bem determinada do seu desenvolvimento, “os homens dotados de funções múltiplas, de atividades diversas, de preocupações e de aptidões variadas, que se mesclam todas, se chocam, se contrariam, e acabam por concluir entre si uma paz de compromisso, um *modus vivendi* que se chama a Vida” (FEBVRE, 1989, p. 30).

Ao analisamos as valorações culturais, religiosas e históricas presente no *Cancioneiro do Norte* (1928), e os traços marcantes sobre os estudos

folclóricos, entendemos esta obra uma fonte histórica, sendo possível compreendê-la enquanto lugar de produção da História, de memórias, de identidades, etc.

Cabe, ainda, esclarecer o que entendemos por *valoração* neste trabalho. O termo é empregado a partir dos estudos de Bakhtin (2011). Segundo esse autor, “tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional” (BAKHTIN, 2011, p. 373). Nesse sentido, a valoração é construída socialmente e tudo o que chega aos sujeitos está perpassado por valores sociais.

Segundo o mesmo autor, tomamos consciência através dos outros, pois deles o sujeito recebe as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de si mesmo. Para isso, a palavra exerce papel fundamental, tendo em vista que é ela quem “atua como expressão de certa posição valorativa do homem individual (de alguém dotado de autoridade, do escritor, cientista, pai, mãe, amigo, mestre, etc.) como abreviatura do enunciado” (BAKHTIN, 2011, 294).

No presente estudo, analisamos uma manifestação literária paraibana, a saber, o livro *Cancioneiro do Norte (1928)* do autor José Rodrigues de Carvalho, mais precisamente analisamos a primeira parte do livro, intitulada com os tópicos *Antes do prefácio e as Poesias de diversas origens*. Nesses tópicos encontramos diferentes manifestações populares do Brasil, impulsionando o folclore como patrimônio artístico brasileiro e fortalecedor das tradições nordestinas.

Assim, destacamos a dimensão cultural da narrativa literária, corroborando com o processo histórico e com a diversidade cultural, conforme encontramos em Zechlinski (2004), Braudel (1976), Levi (1992) e Bakhtin (2011). Este último autor postula que “antes de mais nada, os estudos literários devem estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época” (BAKHTIN, 2011, p. 360). Bakhtin (2011) escreve que o processo literário de uma época, estudado isoladamente de uma análise profunda da cultura, reduz-se a uma luta superficial entre as correntes literárias.

Assim, tomamos o livro o *Cancioneiro do Norte (1928)* como uma junção de fontes históricas relacionadas à sociedade da época e os seus acontecimentos, que eram voltados para a situação da sobrevivência no Nordeste brasileiro, uma vez que encontramos o registro de acontecimentos de uma época por meio de seus versos, poemas e músicas, ou seja, aspectos da vida dos nordestinos.

Procuramos, assim, responder às seguintes questões: (i) quais valores/axiologias são encontrados em Carvalho (1928)?; (ii) quais os efeitos destes valores/axiologias na construção identitária paraibana?; (iii) como se estabelece a relação entre História, folclore e valorações/axiologias na obra de Carvalho (1928)?

Ademais, em síntese, o objetivo deste estudo é compreender as valorações acerca de tradições e valores nordestinos no livro o *Cancioneiro do Norte* (Carvalho, 1928). Metodologicamente, este trabalho se apresenta como uma pesquisa qualitativa, que tem por finalidade destacar as manifestações folclóricas presentes no livro o *Cancioneiro do Norte (1928)*, do escritor José

Rodrigues de Carvalho. Além disso, buscamos compreender as valorações na produção discursiva do autor.

Para isso, o embasamento teórico que sustenta este estudo está ancorado na noção de *valoração* presente nos escritos de Bakhtin (2011). Buscamos, ainda, fazer referência ao vínculo entre história, folclore cultura e valorações/axiologias no *Cancioneiro do Norte (1928)*, a partir dos estudos de Canclini (2013) e Peter Burke (1937) e outros. Ademais, foi uma escolha metodológica não elaborar seções de discussão teórica, mas mobilizá-las conforme o desenvolvimento das análises. Assim, feito essa introdução, partiremos, na seção seguinte, para a análise da fonte, a saber, a obra *Cancioneiro do Norte* do autor Rodrigues de Carvalho.

2.VALORAÇÕES RELIGIOSAS, CULTURAIS E HISTÓRICAS NA OBRA CANCIONEIRO DO NORTE (1928) DE RODRIGUES DE CARVALHO

Na análise do livro *Cancioneiro do Norte*, estabelecemos a construção de três quadros, nos quais apresentamos elementos referentes às *valorações religiosas, culturais e históricas*, que nos levam ao entendimento e ao aprimoramento do conceito de valoração. Ou seja, evidenciamos as valorações religiosas, culturais e históricas, presentes no tópico *Antes do prefácio e poesias de diversas origens*, da Segunda edição do *Cancioneiro do Norte*, do escritor José Rodrigues de Carvalho, que foi lançado em 1927, na Paraíba.

2.1 Valorações religiosas

Quadro 1

<p>I. A influência religiosa africana</p> <p>II. A influência religiosa europeia</p> <p>III. A influência religiosa indígena</p>

Fonte: Elaboração da Autora

No quadro 1, apresentamos as influências religiosas como um suporte para o entendimento do hibridismo cultural, gerando religiões como a Jurema e Umbanda e o fortalecimento do Candomblé e o catolicismo, que hoje nos veste de costumes que, como entendeu Canclini (1990), está presente no cotidiano do mundo moderno.

O que se evidencia é que a diversificação dos costumes religiosos se deu através do contato com outros povos, como entre os africanos, indígenas e europeus, surgindo assim uma cultura diversificada. O fragmento abaixo evidencia o hibridismo religioso na obra em análise.

Fragmento 1: A influência do hibridismo religioso

A verdade é esta: a religião dos Portuguezes a católica, instaurada no Brazil, aparece cercada de expressões indígenas e africanas. É híbrida religiosa. CARVALHO (1928, p. 07)

Neste trecho da obra, constatamos uma marca daquilo que poderíamos chamar de miscigenadas afro-católicas e indígenas encontradas no *Cancioneiro do Norte*. Essa miscigenação aparece exaltada nas manifestações religiosas híbridas como traços culturais marcantes em nossa sociedade. As identificações sincréticas interligam a mistura de crenças. Assim, existe um hibridismo que, como considera Canclini (1990), foi absorvido pela cultura de nosso país, por uma pluralidade nas manifestações culturais.

2.2 Valorações culturais

Quadro 2

VALORAÇÕES CULTURAIS

- I. Os cantos e os contos, o encontro das três raças: a africana, a europeia e a indígena.
- II. As crendices na arte de curar.
- III. O empírico fitichista.
- IV. O misticismo egypcio.
- V. Folgares tradicionais populares.

Através das informações do quadro 2, percebemos os fenômenos valorativos pela ótica da pluralidade cultural, e não pela ótica centralizadora do europeu. Com isso, buscamos, neste quadro, sintetizar as valorações culturais na produção discursiva do autor e poder reunir elementos e suas contribuições na formação da identidade brasileira e nas produções das manifestações folclóricas paraibanas, baseadas em posições culturais, existentes no *Cancioneiro do Norte* (1928).

A composição do quadro 2 vem a ser estabelecida pela presença de cinco tópicos que classificam as valorações culturais existentes no *Antes do prefácio e poesias de diversas origens* da segunda edição do *Cancioneiro do Norte* (1928). Os fragmentos decorridos ao longo desta análise têm por finalidade mostrar as valorações culturais mencionadas.

Assim, no fragmento 2, a seguir, constatamos referências aos *cantos e contos populares e o encontro das três raças: a africana, a europeia e a indígena*.

Fragmento 2: O entrecruzamento cultural das três raças.

Os cantos e os contos de origem popular, revelando a fonte inspiradora das três raças em cruzamento, não só falam ao coração pela reminiscência de lendas e tradições que se extinguem, como são um attestado vivo da força intelectual de cada uma daquelas raças, a fundir-se no mestiço diante dessa natureza esplendidamente victoriosa. CARVALHO (1928, p. 15)

Percebemos, no fragmento 2, que Carvalho (1928) evidencia a ligação entre o branco estrangeiro, o negro africano, o nativo das terras brasileiras, que, em nossa historicidade, enraizaram costumes na participação da diversidade cultural. Estamos diante, portanto, de aspectos da formação da sociedade brasileira.

No embate contra a cultura dominante, surge, assim, o hibridismo cultural como um mecanismo de resistência contra as tentativas das generalizações etnocêntricas dos colonizadores, em descaracterizar as tradições na junção dos embriões da cultura erudita, a cultura popular e a cultura de massas.

Ademais, no mesmo fragmento em análise, temos o entrecruzamento cultural das três raças: a negra, branca e indígena. No próximo fragmento, ressalta-se a influência das três raças nos costumes brasileiros. Vejamos:

Fragmento 3: A influência das três raças nos costumes brasileiros.

Das três raças ha apenas a reminiscência, estampada no typo, nas ações, nos costumes do brasileiro actual. Assim, encontramos a cada passo no conto de origem européia. Segundo Sylvio, reis, fadas, gibóias, caboquinhos e encantamentos, o que desvirtua o característico exclusivo que se lhe empresta. A verdade é esta: os cantos portugueses correm entremeiados de expressões indígenas e de onomatopeias africanas. CARVALHO (1928, p. 57).

Notamos, no fragmento 3, o encontro dos três grandes alicerces das tradições culturais brasileiras, que se fazem presente no *O Cancioneiro do Norte* (1928), com “as almas de três raças predispostas à contemplação da arte” (CARVALHO, 1928, p.33). Esses são importantes elementos na constituição da identidade e da cultura do povo brasileiro, descentralizando a Europa de única influenciadora direta.

As valorações culturais que se estabelecem na harmonia dos traços da musicalidade, das danças, festejos, poesias, contos, genuinamente populares, seja pelos navegantes portugueses que traziam seus fabulas de alto mar, misturando-se as lendas indígenas, e os contos africanos, ocasionando na junção nas tradições da cultura brasileira.

Ainda no que diz respeito ao aspecto religioso, temos as *crendices na arte de curar*. O fragmento 4 abaixo relata as crenças para a cura do mau-olhado.

Fragmento 4: Para a cura do mau-olhado.

Benzer o olhado as enuncia, todos conhecemos: uma bruxa qualquer toma o doentinho. Suspende-o pelos pés ate a altura da nuca, isto no meio da porta que conduz para o copiar. Em seguida gotteja um pouco de azeite de oliveira dentro de uma bacia com agua, benzendo-o com um raminho verde de vassourinha; si a criança Tem olhado, a folha murchara; e os enuncia do azeite sobre a água enunciarão se foi um homem ou uma mulher que botou o quebranto. CARVALHO (1928, p. 55).

O fragmento 4 nos remete à figura das benzedadeiras e à transmissão de seus conhecimentos na arte de curar, mantendo viva uma memória coletiva de suas tradições como um mecanismo de resistência contra as tentativas das generalizações etnocêntricas dos colonizadores em descaracterizar as tradições de matrizes religiosas que não viessem a ser a europeia.

A seguir, o fragmento 5 traz a oração para cura da bicheira no Sertão. Vejamos:

Fragmento 5: A cura da bicheira no Sertão.

“Maos que comeis, a Deus não louvaes e nesta bicheira não has de comer mais. Has de ir cahindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de tres em tres, de dois em dois, de um em um, e esta bicheira ha de ficar limpa, salva e sã, assim como ficaram limpas, salvas e sas as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. CARVALHO (1928, p. 56)

Este fragmento 5 é marcado pela figura do vaqueiro nordestino com seu gibão de couro e rosário no pescoço, sinônimos de valentia perante a seca que castigava, revelando seus sentimentos, atitudes, crenças, gostos e escolhas na arte da cura dos males, uma delas sendo a cura da bicheira ao comunicar-se com o sobrenatural pela oração no fragmento acima exposto.

2.2.1 O empírico fetichista

Constatamos, também, dentro do aspecto religioso, o fithicismo na cura das enfermidades. O fragmento 6 revela algo sobre o tratamento dos dentes. E o fragmento 7 apresenta o curandeiro que carregava cobras.

Fragmento 6: O fithicismo na cura de enfermidades.

A credence popular sobre a arte de curar
Relembra ainda costumes do estado fetichista, da
Astrolatria principalmente. Assim e que a mãe de
familia roceira mostra o recém-nascido a lua
novaporque, se o nao fizer, o bello astro da
noite pode levar o filhinho, ou concorrer para
que ele sofra de dor e outra enfermidades.
CARVALHO (1928, p. 57)

As credences são descritas no fragmento 6 por histórias que se baseiam em lendas, mitos, tradições, definindo a criação do universo e de seus elementos com a natureza, envolvendo a simbologia do sobrenatural “divino” assim como a adoração de Holda a lua, transmitindo o conhecimento e explicando os fatos que a ciência ainda não havia explicado, perante o misticismo e seus elementos cultuados por entre a história da humanidade e seus finos fios da etnologia e suas ligações com o ocultismo.

Fragmento 7: O folclore dos dentes.

“Mourão, Mourão,
Toma este teu dente podre,
E manda meu dente são”.
CARVALHO (1928, p. 20)

Na sequência desse texto nos é dito que o dente é lançado para cima do telhado, sem olhar o lugar ao qual foi remessado simbolizando, assim, um bom presságio. Cascudo (1898) diz que esta “tradição nos veio de Portugal, onde existe, com muitas variantes na fórmula, *inclusive em vários lugares do Brasil, principalmente no interior do nordeste*, mas imutável no sentido.” Notamos que as superstições se perpetuam pelas palavras faladas, os mais velhos usavam a oralidade como propagação para as suas crenças, disseminando o conhecimento por meio das narrativas orais.

Fragmento 8: O curandeiro que carregava cobras.

Ao braco, e elle, levando-o a boca para beija-lo, nao se importava com a dentada que o peçonhento animal lhe ferrava nos labios. O sangue escorria, e o nosso heroe, escandalizando os circunstantes, prendia com os seus proprios dentes uma das mandibulas da cobra, e com a mao segurava bem a outra, rasgando o repellente amphibio de meio a meio. Outras vezes matava-o, e dividia-o empostas levando ao fogo sobre o moquém, saboreava o exquesito prato, achando, segundo gabava-se, a carne semelhante a da trahira. CARVALHO (1928, p. 60)

As valorações do fragmento 8, de acordo com CARVALHO (1928), a figura do curandeiro de mordeduras de cobras e bem características dos brejos da Parahyba, pelas bandas do Engenho Ribeiro-Novo, no distrito na época pertencente à Guarabira e, hoje, cidade de Alagoinha, onde existiu um homem que não sofria nenhum mal com veneno de cobra. Nesse fragmento,

há vestígios da tradição dos encantadores indianos aos nossos costumes. O empirismo do curandeiro faz parte dos folgares ligados à diversidade religiosa brasileira.

2.2.2 A mitologia egípcia

O fragmento 9 abaixo relata os traços da mitologia egípcia nos costumes brasileiros.

Fragmento 9: Traços da mitologia Egípcia nos costumes brasileiros.

Uma reminiscência da *mythologia egypcia* vaga ainda em nossos costumes: a figa no bracinho da criança para preservar-la do *mau olhado*. No aceiro de qualquer roçado enfia o matuto uma caveira de boi, com a convicção sincera de que ella concorre para o Vico da lavoura; essa *mythologica* e tradição existem também nas cidades, as mais adiantadas, aonde o bodegueiro, cioso de cobres e bons negócios, coloca um chifre bovino no alto da balança. Quem não vê em semelhante pratica um resto daquela confiança sobrenatural com que o egypcio adorava o Boi Apis, maravilhoso e fecundo! CARVALHO (1928, p 58)

Os egípcios eram politeístas antropomórficos, ou seja, atribuíam características ou aspectos humanos a deuses, elementos da natureza e animais. Seus cultos religiosos elevavam o poder dos deuses que os concebiam melhorias na sua vida na terra. Eram invocados por meio de rituais, assim como a cabeça do boi nos roçados, agradecendo as benções que haviam recebido e pediam favores futuros.

Ao analisar esse fragmento, podemos observar mais uma influência cultural absorvida pela brasileira. Esse aspecto remonta ao que Bakhtin (2011, p.362) constata ao dizer que “uma obra remonta com suas raízes a um passado distante. As grandes obras da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo processo de amadurecimento”. Ele continua: “As obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (as grandes obras, sempre) uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade” (BAKHTIN, 2011, p. 362).

Além disso, a figura da cabeça do boi presa nas árvores é comum nas fazendas do interior paraibano, como uma antiga tradição de proteção, para proteger a lavoura do mal olhado, das pragas, mantendo-se viçosa.

2.2.3 Os folgares tradicionais populares

Os folgares tradicionais populares podem ser percebidos nos folgares populares, na manifestação folclórica do bumba meu-boi, e nas manifestações folclóricas.

Fragmento 10: Folgares populares.

Côcos da praia do poço

(Parahyba)

Engenho novo!
Engenho novo!
Engenho novo, bota a roda p'ra rodar,..
Roda o pai
Roda a mai
Roda fia
Eu também sou da famia
Também quero embolar.
CARVALHO (1928, p. 331).

Impulsionando o folclore como patrimônio artístico da nação, seja por meio da espontaneidade poética dos emboladores de coco da praia do poço (Parahyba) com suas violas que davam vida a seus relatos, fossem eles anedotas ou estórias passadas de geração em geração “formando uma grande roda, saindo cada figura de uma vez, a dançar na roda, cantando, batendo palma, em rojão binário, ao toque de tambores e ganzás” (CARVALHO, 1995, p. 291).

No âmbito de delinear *O Cancioneiro* (1928), por meio do fragmento acima exposto, marca-se a presença de uma intelectualidade tida por anônima e oral dos artistas paraibanos; nela, incluindo-se os mitos, cantos, poesias e manifestações folclóricas coletados por uma diversidade cultural e pioneira ao trazer que o “intellectual do momento nos leva para um terreno extravagantemente regionalista, em matéria litteraria” presentes no *Cancioneiro do Norte*. (CARVALHO, 1928, p. 12)

Fragmento 11: A manifestação folclórica do bumba meu-boi.

Entre os folgares mais comum e mais arraigado na tradição popular figura o bumba meu- boi, que supomos, de origem paga, vindo do Boi Apisegypcio, atravessando centenas de civilizações, adaptando-se a diferentes costumes, tomou no norte do Brasil uma feição particularíssima. CARVALHO (1928, p. 40)

Observamos, no fragmento 11, que a figura do bumba-meu-boi é bastante festejada durante a primeira quinzena do mês de janeiro durante os festejos da Festa de Reis. Essa cultura varia de estado para estado, onde os coloridos nas roupas ganham feição nos personagens das Damas e seus galantes, o tio Matheus, o Gregório, a vaqueiro, etc. O boi sendo a atração principal, feito todo em tiras e colcha de chita e guisá no cifre, trazendo alegria ao povo que nas ruas festejam com suas violas.

A lenda do bumba-meu-boi traz consigo a arte da cura por meio do milagre do catolicismo, que com o passar do tempo transformou-se em uma encenação lúdica, uma sátira do drama, humor, tragédia e hoje mistura suas cores e ritmos ao folclore brasileiro, e se faz presente no *Cancioneiro do Norte* (1928).

Fragmento 12: A propagação folclórica.

Ofolk-lore vem através das idades revelando
As condições emocionais de cada raça, de cada
povo, de cada civilização; e do mesmo modo que
o amalgama ethnológico vai transformando a humanidade,
a tradição se transfunde.
CARVALHO (1928, p. 21)

A heterogeneidade cultural presente *no Cancioneiro do Norte*, do autor *José Rodrigues de Carvalho*, nos traz reflexões acerca do folclore e regionalismo na Paraíba do Norte, sendo abordadas concepções históricas relativas às ideias de nação, hibridismo, raça e cultura. No fragmento 12, Carvalho busca dar alicerce ao folclore, para que ganhasse significado, como entendeu Hall (2001), fundamental para a construção das identidades nacionais.

Carvalho assevera que o primeiro reflexo obtido do contato popular com o termo folclore era motivo de chufa/zombaria perante a ideologia dos dominadores que estabeleciam uma influência europeia e modernizadora. Entretanto, com o passar do tempo, esses trabalhos tornaram visível o gosto popular; deram noção e importância histórica que se fazia presente enfatizando o regionalismo, e a defesa do patrimônio artístico por meio da resistência das manifestações culturais autênticas.

2.3 Valorações históricas

Quadro 3

<p style="text-align: center;">VALORAÇÕES HISTÓRICAS</p> <p>I. <i>A revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba.</i></p> <p>II. <i>O movimento do cangaço na Parahyba.</i></p>
--

Na construção do quadro 3, apresentamos as valorações históricas presentes no *Antes do prefácio e poesias de diversas origens*, da segunda edição do *Cancioneiro do Norte (1928)*, classificando as manifestações históricas em dois tópicos. O primeiro: *A revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba*, representada no fragmento 13. E o segundo tópico: *O movimento do cangaço na Parahyba*, representado nos fragmentos 15 e 16. Vejamos cada um deles a seguir.

2.3.1 A revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba

Fragmento 13: A revolta de Quebra-Kilos.

Sou quebra-kilos encolletado em couro
Por vil desdouro, se me trouxe aqui:
A bofetada minha face mancha,
A corda, a prancha se me affligir senti.
Nas caes modestas, a tesoura cega!

Da minha enxerga so me resta o po:
Esposa e filhas violentam rudes,
As sans virtudes seu thesouro so.
Nao ha direitos: isencoes fugiram

Nas leis cuspiram dele aes viloes;
Oreancas, velhos? aleijados, aguardam
A triste farda de crueis baldoes.
Em vao, descalcos, minha esposa e filhos

Do sol aos brilhos, prateando vem:
Socorro imploram: piedade a tantos...
Mas de seus prantos se receia alguém!
E ao quebra kilo, deshonrado e louco,

E' tudo pouco, quanto ainfamia faz:
Si alli contempla da familia o roubo,
Aqui no dobro, se o flagella mais.
Ve sua esposa, da desgraca ao cimo,

For seu arrimo, tudo expol-a em vao:
Recorda as filhas, que sem mae ficaram.
E lhe as roubaram...que perdidas sao.
Tyrannos, vede que miseias tantas!...

Nem a quebranta nem pungir nem ais:
Martyrio, ultrages de negror, fazei-me;
Porem dizai-me, se também sois pais!
A bofetada minha face mancha;

A corda, a prancha me doer senti;
A vil deshonra da familia querida
Tirar-me a vida... de pudor morri.
CARVALHO (1928, p. 70)

No fragmento 15, observamos as valorações históricas presentes no poema. A insatisfação popular ganhava as ruas da Paraíba e dos estados adjacentes. Os versos revelam a desonra do povo, a tristeza, miséria que lhe custavam a vida. O martírio se perpetuava apenas para a classe popular, ao qual “a bofetada na face mancha”, enquanto os que permaneciam no poder, assim como descreve o poema acima, cuspiam nas leis, deixando o povo a mercê do descaso.

Destacamos neste fragmento as questões culturais, os hábitos e costumes da população, que sofreram a repentina interferência do governo sem que houvesse uma preparação para isso, assim como narra o poeta em

sua valentia ao descrever o cenário da revolta dos quebra-kilos, marcado pela insatisfação popular.

2.3.2 O movimento do cangaço na Parahyba

O Cangaço foi um fenômeno de banditismo social, termo que começou a ganhar força no final do século XIX e se faz presente nas análises historiográficas de Carvalho, como um elemento da propagação da diversidade cultural nordestina.

Fragmento 14- O movimento do cangaço.

A prisão de Antônio Silvino, as façanhas de Lampião, a vida nômade dos bandidos, enriquecem página desta edição. Isso significa o nosso estágio de civilização em pleno século XX.”. (CARVALHO, 1928, p.27).

Na segunda edição do *Cancioneiro*, por meados de 1928, Carvalho vinha a ser auxiliar no Governo do então Governador da Paraíba Castro Pinto, estabelecendo-se entre os quatros estados vizinhos um acordo para banir o banditismo do cangaço e junto com ele Antônio Silvino. Sentindo-se intimidado, Silvino ataca o Povoado de Cachoeira de Guarabira, remetendo a Castro Pinto o telegrama reproduzido no fragmento 15.

Fragmento 15: O cangaço de Antônio Silvino.

Doutor Castro Pinto.
Presidente Parahyba
Nao tenho medo quatro Estados.
Doutor Jose Rodrigues de Carvalho pise o milho,
faca a *massa*, e de a esse pinto para comer,
que o mal delle e fome.
Antonio Silvino de Moraes. (CARVALHO, 1928, p. 9).

O Fragmento 15 tem o intuito de repassar os vários pontos de vista caracterizados pela figura dos cangaceiros, relacionando-os com a realidade de uma época que o povo nordestino enfrentava o sofrimento de uma vida árdua e característica por entre as mais vastas necessidades que estas tais pessoas sofriam. E, em contramão, se encontrava o Coronelismo, que desfrutava dos seus privilégios e poderes, enquanto a maioria da população vivia a mercê de uma vida de pobreza, ocasionados, principalmente, pela seca e pela miséria das populações mais carentes, ganhando contraste com a vida dos coronéis, que esbanjavam prestígios e luxo.

3.CONCLUSÃO

Esta pesquisa de natureza qualitativa objetivou analisar as manifestações religiosas, folclóricas e históricas presentes na segunda edição do o *Cancioneiro do Norte* (1928). Pelos discursos realizados no cancionero, Carvalho estruturou uma literatura autenticamente nacional em contraposição a cultura marcadamente eurocêntrica, desmitificando as linguagens populares que até então eram mantidas na ignorância, no esquecimento, vindo por meio do cancionero a trazer o folclore como uma importante ferramenta para a formação da história da literatura popular.

Diante do exposto nas análises, fazemos alguns apontamentos. O primeiro apontamento vem a ser o levantamento da seguinte questão: Que valores/axiologias, são encontrados em Carvalho? No decorrer deste estudo, encontramos as seguintes categorias de valorações culturais, religiosas e históricas. Essas três categorias foram expostas e organizadas por meio de três quadros, na busca de dar sentido ao resgate de elementos antigos nos reflexos da contemporaneidade perante as manifestações folclóricas, mostrando ao mundo a pluralidade presente no cenário brasileiro e as heranças que várias raças amalgamaram em nossos costumes.

Ademais, fizemos um levantamento das valorações culturais que constam na análise dos fragmentados. Na construção do quadro 3, por exemplo, apresentamos as valorações históricas, expostas por meio da *revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba* e do *movimento do cangaço na Parahyba*.

Outro apontamento importante pode ser pensado a partir do questionamento: quais os efeitos destes valores na conscientização da construção de uma identidade paraibana na obra do autor? Em resposta, pudemos perceber que Carvalho evidenciou as diferentes manifestações folclóricas regionais como sendo âncora na construção da identidade paraibana, registrando festas comemorativas como o bumba-meu-boi, folgares populares, que expõe a figura dos cantadores-de-coco, repentistas, etc.

Tais fenômenos culturais são transmitidos por meio da oralidade dos artistas paraibanos, mais precisamente num regionalismo rico, que se estabelece na harmonia dos traços por meio da musicalidade, das danças, festejos, poesias, contos, genuinamente populares.

Ademais, constatamos na obra analisada o entrecruzamento das valorações religiosas, históricas e culturais, regional e local, tornando-se um mecanismo formativo e fortalecedor da identidade paraibana.

O terceiro e último apontamento vai no sentido de pensarmos a seguinte questão: qual a influência das axiologias na obra o *Cancioneiro do Norte*, do autor José Rodrigues de Carvalho, em relação aos dias atuais? Concluímos que as manifestações valorativas folclóricas presentes no cancionero (1928) propagaram as manifestações folclóricas pelo mundo, estabelecendo, nos dias atuais, datas comemorativas em nosso calendário nacional, por exemplo, o dia do índio, da consciência negra, tornando as cidades do interior paraibano um reflexo deste hibridismo cultural, estabelecido também perante as festas de São João, cercados pelas quadrilhas, forrós, balões, fogueira, comidas de milhos.

As comemorações a São Pedro, Santo Antônio, Nossa Senhora Conceição, são marcadas por elementos festivos, como pular as sete ondas na

virada do ano, pular a fogueira como sinal de bom pressagio, etc. ou seja, também apontam marcam dos costumes e tradições nacionais.

Portanto, diante do aspecto folclorista presente na obra de Rodrigues de Carvalho buscamos abordar as manifestações populares, sendo cercados de contribuições de outras culturas, surgindo às apropriações das manifestações culturais transformadas em símbolos nacionais e que tentam resistir à influência da globalização, que vem modificando esses costumes com o passar do tempo, pois ganham características atuais.

O *Cancioneiro do Norte (1928)* é uma rica fonte para o estudo da memória cultural do povo brasileiro perante os costumes, manias, tradições, crenças. Ele funciona discursivamente como um transmissor da influência folclórica na construção de uma identidade nacional diversificada, que hoje nos veste de costumes cercados de expressões híbridas, herdadas das fusões de várias culturas e que na atualidade geram uma peculiaridade originalmente brasileira.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1976.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Edição 4. São Paulo: Brasil. Editora EDUSP, 2013.

CARVALHO, José Rodrigues. **Cancioneiro do Norte**. 2. Ed. Parahyba do Norte, 1928

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Martins, 1971.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial presença, 1989.

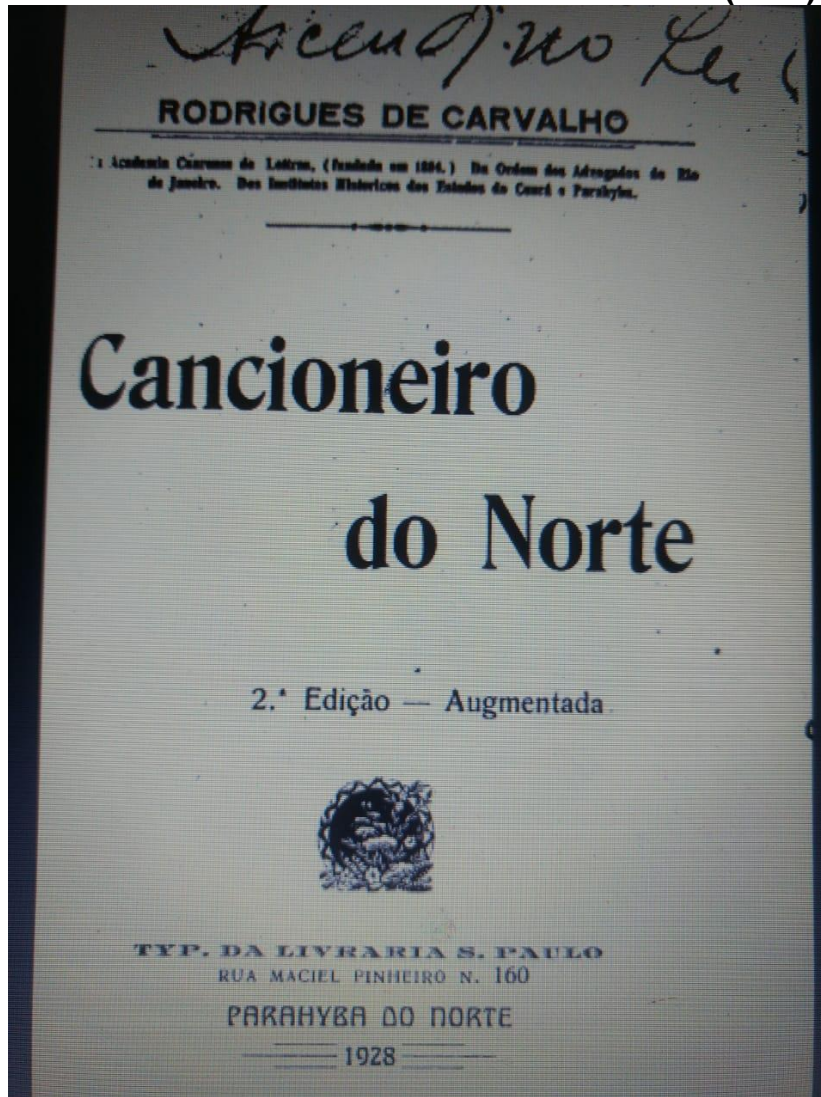
HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva,Guaracira Lopes Louro. 06.ed. Rio de Janeiro: Pallas,2004.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas** São Paulo: UNESP, 1992, p.135.

[ZECHLINSKI, Beatriz Polidori](#). História e Literatura: uma proposta interdisciplinar de ensino. In: **IX Encontro Regional de História: Identidades e Representações** (Anpuh-PR), 2004, Ponta Grossa - PR. Caderno de Resumos do IX Encontro Regional de História: Identidades e Representações, 2004. p. 22.

ANEXOS

ANEXO 1- CONTRA CAPA DO CANCIONEIRO (1928)



ANEXO 2 – ANTES DO PREFACIO DO CANCIONEIRO (1928)

ANTES DO PREFACIO

Ha cerca de 30 annos iniciiei em Fortaleza uma campanha de nacionalização das nossas creações litterarias. O romance francez e a poesia franceza vinham dictar leis como os figurinos de *La Saison*. O *orientalismo* tambem nos perturbava o bom-senso litterario, como o fumo turco em um paiz em que o fumo enfeitava até o patriotismo pacifico dos symbolos. Essa campanha pelos jornaes, em palestras, em livros, teve adeptos e deu resultados.

O *Cancioneiro do Norte*, publicado quando a cantiga popular era motivo de chufa, foi dos primeiros livros no genero

Hoje temos uma perfeita noção do que seja o *folklore* e a sua importancia historica.

ANEXO 3- O CANCIONEIRO (1928)

XI

ro, como Chefe de Policia, o Dr. Antonio Massa. Fui a Recife, e alli, devido ao empenho daquelle presidente, estabeleceu-se um certo accordo entre os 4 Estados vizinhos. Antonio Silvino viu-se perseguido atrozmente; então, atacando o povoado de Cachoeira de Guarabira, passou ao governo parahybano o seguinte telegramma, que ainda conservo:

«Doutor Castro Pinto

Presidente Parahyba

Não tenho medo quatro Estados. Doutor José Rodrigues de Carvalho pi-se o milho, faça a *massa*, e dê a esse pinto para comer, que o mal delle é fome. Antonio Silvino de Moraes».

O poeta popular Chagas Baptista, apanhou na tradição popular a historia do feroz bandoleiro, e della aproveitei a synthese: por que se entregou ao banditismo; os seus presentimentos, nas vespas da prisão; a lucta em que foi vencido, depois de 18 annos de jornada no caminho do crime.

Antonio Silvino é hoje um mystico: procura a luz do sol, e nas grades da prisão lê a Biblia e cria passaros carinhosamente.

Eis a sua historia em poucas linhas, colhida por via *folkloristica*:

«Eu chamei pela justiça,
Ella não me quiz escutar,
Vali-me do bacamarte,

ANEXO 4- FRAGMENTO DO CANCIONEIRO (1928)

adoração de Holda, a lua (27). Não só no domínio da ideologia das raças inferiores como em outros departamentos de sua atividade, dão-se analogias singularíssimas, que tornam mais emaranhados os tênues fios da etnologia no tocante ao berço comum da humanidade.

Assim, vemos em diversos povos primitivos o uso da couvade, e ainda hoje, sem que um ensinamento histórico existisse, o homem de certas tribos indígenas, da Amazônia, adoecer, recolhendo-se à cama por dias, em lugar da mulher parturiente (28).

Ainda mais: como era prática na antiguidade, os indígenas fazem os seus aparatosos banquetes funerários quando morre um da comunhão; convidam as malocas vizinhas, matam caça durante dias, enfeitam o terreiro da habitação de penas multicores, amarradas em um mesmo fio, como bandeirinha de papel; e, reunidos, cantam, tocam, dançam e se banqueteam, chorando em seguida sobre as cinzas do morto, para depois renovarem a cerimônia festiva. Muitos são os pontos análogos, por onde se verifica a identidade humana, senão por ter tido um berço comum, mas por ser comum a sua essência.

De parte esta ligeira divagação, voltemos ao nosso feiticeiro, e em falta de documento mais valioso, transcrevamos um versículo dos muitos caba-

(27) — Theophilo Braga — Obra citada.

(28) — Starck, citado por G. Tarde nas **Transformações do Direito**, diz que esse uso tem um fim simbólico: para o filho ter força e valor, finge-se ter saído das entranhas do pai. E isto ainda hoje é praticado por algumas tribos do Amazonas.

**ANEXO 5- FOTO DE JOSÉ RODRIGUES DE CARAVLHO EM IDADE
AVAÇADA.**



Fonte: <http://secultgba.blogspot.com/2014/03/criada-em-11-de-abril-de-1940-pelo.html>